

# COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral  
Propriedade da

**COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA**

*www.comunhaolisboa.com*

**ANO 28**

**Nº 176**

**JANEIRO - FEVEREIRO**

**2011**

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	<b>Editorial</b>	<b>2</b>
Calçada do Tojal, 95, s/c	<b>Palavras de Kardec</b>	<b>4</b>
1500-592 Lisboa	<b>A prova mais angustiante</b>	<b>7</b>
Telefone : 217 647 441	<b>Dois sonetos sem título</b>	<b>10</b>
*	<b>As velas da nossa vida</b>	<b>11</b>
Director Responsável :	<b>Se eu for antes de você...</b>	<b>14</b>
Manuela Vasconcelos	<b>O amor e o relacionamento...</b>	<b>16</b>
*	<b>Páginas do Passado</b>	<b>19</b>
Tiragem : 150 exemplares	<b>Jesus e a Tempestade</b>	<b>25</b>
	<b>O Planeta está dentro de nós</b>	<b>26</b>
Distribuição Gratuita	<b>Notícias do Mov. Esp. Port.</b>	<b>30</b>
*	<b>Se todos perdoassem</b>	<b>31</b>
Registo nº.211720	*	
Depósito Legal Nº. 13972		

# EDITORIAL

A cada começo de um novo ano, e depois de “olharmos” o acabado de viver, normalmente, perante aquilo em que reconhecemos ter errado, mais por invigilância que por despreparo, propomos para nós próprios que “este ano vamos ser...” e a proposta desfila com todo um conjunto de ideias, atitudes, acções com que pensamos melhorar-nos mais. Os dias começam a passar somando semanas e meses e, num determinado momento reparamos que, afinal, tudo continua igual porque não nos esforçámos minimamente por uma diferença positiva que nos aproximasse um pouco mais daquela perfeição que todos temos de conquistar.

No nosso “deixar andar“ somos os nossos maiores inimigos! Reconheçamo-lo ou não, somos idênticos àquele outro homem que passava os dias vendo passar os combóios, no relato do escritor George Simenon, nada fazendo por melhorar o horário ferroviário: da mesma maneira, deixamos o tempo correr sem a preocupação de melhorarmos o nosso estilo de vida.

O problema, para qualquer um de nós, é que o “combóio” que vemos passar um dia será o nosso: todos teremos que o apanhar para chegarmos ao nosso destino! Que bagagem transportaremos connosco? Que valor lhe será dado nesse País diferente para onde, com ou sem vontade, todos nos mudaremos um dia, como já aconteceu anteriormente no final de outras reencarnações?

Então, neste início de um novo ano que mais e mais vai preparando a Terra para a transformação espiritual há tanto

anunciada e que todos – digamo-lo ou não – aguardamos como um novo éden -, preparemo-nos com propósitos firmes de participarmos dessa mesma transformação.

Cada um de nós tem o seu papel a desempenhar neste espectáculo diferente de todos os outros que a Vida nos reservou: talvez o nosso seja o da tolerância, ou o da caridade, ou o do amor ao próximo... ou o do perdão! Seja qual for o que nos seja atribuído, ele faz parte de um todo, chamado **reforma íntima**. Estudemos bem o nosso papel e desempenhem-lo ainda melhor para merecermos, no final, a recepção-ovação que os amigos sempre fazem a todos os vencedores.

Que cada um de nós possa abraçar esse desempenho com fé e coragem para que, chegado o último dia que o calendário determinou para o presente ano, analisando tudo aquilo que tivermos vivido, possamos todos afirmar com alegria: desta vez, consegui! Desta vez, fui capaz!

E cada um, acreditem ou não, quando quer é sempre capaz, porque não existem impossíveis que o Homem não consiga transformar!

\*

Este ano a nossa Casa festeja o seu 30º aniversário! Estamos felizes com o facto, que tentaremos comemorar condignamente. Estamos a pensar como... Oportunamente, diremos!

Enquanto não o fazemos, desejamos um 2011 para todos os que nos lerem, com muitas realizações espirituais! Todos nós fomos criados para a felicidade; então, deixemos de criar a

amargura e infelicidade que tantas vezes ensombra os dias de cada um.

Muita paz para todos.

*A DIRECÇÃO*



## **PALAVRAS DE KARDEC**

### **ESTUDO DA NATUREZA DE CRISTO**

#### **III– A Divindade de Cristo é provada pelas suas próprias palavras?**

(conclusão do capítulo III e da transcrição)

É evidente que a qualificação de **Filho do homem** quer dizer aqui: **nascido do homem**, por oposição ao que está fóra da humanidade. A última citação, tirada do livro de Judite, não deixa dúvida acerca da significação daquela expressão, empregada em sentido estritamente literal.

Deus não designa Ezequiel senão com aquela expressão, certamente para lembrar-lhe que, apesar do dom da profecia que lhe foi concedido, não pertencia menos à humanidade, a fim de que se não julgasse de natureza excepcional. Jesus dava-se aquela qualificação com singular persistência porque só em raríssimas

circunstâncias se disse **Filho de Deus**. Em sua boca não pode ela ter outra significação que não seja lembrar que também ele pertence à humanidade, assemelhando-se assim aos profetas, que o precederam, aos quais se comparou, aludindo à sua morte, quando disse: **Jerusalém, que mata os profetas!**

A insistência com que se designa filho do homem, parece um protesto antecipado contra a qualificação que, previra, se lhe daria mais tarde, a fim de que ficasse bem provado que da sua boca não saíra.

É para notar que, durante esta interminável polémica, que apaixonou os homens por muitos séculos, e até hoje dura, - que acendeu fogueiras e derramou sangue em catadupas, versasse a controvérsia sobre uma abstracção: a natureza de Jesus, de que se fez a pedra angular do edifício, apesar de nada haver dito a semelhante respeito - e se tenha esquecido aquilo que o Cristo ensinou ser **toda a lei e os profetas**: o amor de Deus e do próximo e a caridade, de que fez a condição de salvamento.

Aplicaram-se, fervorosamente, à questão da afinidade de Jesus com Deus e deixaram em olvido as virtudes, que ele recomendou e de que deu o exemplo.

O próprio Deus ficou na penumbra perante a exaltação da personalidade de Cristo. No concílio de Nicéia foi dito simplesmente: Cremos em um só Deus, etc.; mas como é esse Deus? Nenhuma palavra sobre os atributos essenciais d'Ele: a soberana bondade e a soberana justiça. Tais palavras serão condenação dos dogmas, que consagram a sua parcialidade por determinadas criaturas, a sua inexorabilidade, o crime, a cólera, o espírito vingativo de que se servem para justificar crueldades praticadas em nome dele.

Se o concílio de Nicéia, que se constituiu em fundamento da fé católica, fosse conforme ao espírito de Cristo, para que o anátema final? Não é isto a prova de que ele é a obra das paixões dos homens? A que foi devida a sua adopção? À pressão do imperador Constantino, que fez dele uma questão mais política que religiosa. Sem ordem sua não se teria realizado o concílio de Nicéia e sem a sua intimidação seria mais que provável o triunfo do arianismo.

Dependeu, pois, da autoridade soberana de um homem, que não pertencia à Igreja, que reconheceu mais tarde a falsa política seguida e que em vão procurou emendá-la conciliando os partidos, não sermos hoje arianos, em lugar de católicos, e não ser hoje o arianismo a ortodoxia e o catolicismo a heresia.

Depois de dezóito séculos de lutas e discussões sem proveito, durante as quais se deixou de parte o essencial do ensino de Cristo, único meio de assegurar a paz da humanidade, veio o cansaço dessas discussões estéreis, que só produziram perturbações, geraram a incredulidade e cujo objecto já não satisfazia à razão.

Há hoje uma tendência manifesta da opinião geral para voltar às ideias fundamentais da primitiva Igreja e à parte moral do ensino de Cristo, por ser esta a única que pode tornar os homens melhores, visto ser clara, positiva, e não dar ensejo a controvérsias.

Se a Igreja tivesse seguido, desde o princípio, aquela via, seria hoje omnipotente, em vez de ter sido despedaçada pelas facções.

Quando os homens caminharem com esta bandeira, se darão fraternalmente as mãos, em vez de se lançarem anátema e a maldição, por questões que a maior parte das vezes não

compreendem. Essa tendência de opinião é o sinal de que chegou o momento de pôr a questão no seu legítimo terreno.

*ALLAN KARDEC*

(In: OBRAS PÓSTUMAS, ed. Lake, 1ª Parte).



## A PROVA MAIS ANGUSTIANTE

*“(Se alguém vos bater na face direita, lhe apresenteis também a outra.” – JESUS. (Mts., 5:39)*

Para criaturas aclimatadas durante milénios ao egoísmo e ao materialismo soez, iludidas pelos próprios prejuízos, não é nada fácil penetrar nas alcandoradas dimensões do *vero amor não amado* lecionado e principalmente **praticado** por Jesus.

Mas, em que pese o atavismo deletério e nossas ancestrais limitações, precisamos nos empenhar, de forma continuada, para nos ajustarmos aos parâmetros do Mestre Maior, visto que Ele nos conclamou a todos, sem excepção, para que procurássemos *ser perfeitos, como perfeito é o Pai Celestial*.

A “*pós-graduação*” do amor é o amor aos desafectos, aos inimigos... Eis o conselho de Fénelon<sup>1</sup>:

*“(...) Tomai sobretudo a peito amar os que vos inspiram indiferença, ódio, ou desprezo. O Cristo, que deveis considerar*

*modelo, deu-vos o exemplo desse devotamento. Missionário do amor, Ele amou até dar o sangue e a vida por amor. Penoso vos é o sacrifício de amardes os que vos ultrajam e perseguem; mas, precisamente, esse sacrifício é que os torna superiores a eles.*

*“Se os odiásseis, como vos odeiam, não valerieis mais do que eles. Amá-los é a hóstia imácula que ofereceis a Deus na ara dos vossos corações, hóstia de agradável aroma e cujo perfume Lhe sobe até o seio. Se bem a lei de amor mande que cada um ame indistintamente a todos os seus irmãos, ela não couraça o coração contra os maus procederem; esta é, ao contrário, a prova mais angustiosa, e eu o sei bem, porquanto, durante a minha última existência terrena, experimentei essa tortura.*

*“Mas Deus lá está e pune nesta vida e na outra os que violam a lei de amor. Não esqueçais, meus queridos filhos, que o amor aproxima de Deus a criatura e o ódio a distancia d’Ele.”*

## **O SACRIFÍCIO MAIS AGRADÁVEL A DEUS**

Consoante ensinamento <sup>2</sup> de Jesus,

*“(…) o sacrifício mais agradável ao Senhor é o que o homem faça do seu próprio ressentimento; que, antes de se apresentar para ser por Ele perdoado, precisa o homem haver perdoado e reparado o agravo que tenha feito a seus irmãos. Só então a sua oferenda será bem aceita, porque virá de um coração expungido de todo e qualquer pensamento mau. Jesus materializou o preceito, porque os judeus ofereciam sacrifícios materiais; cumpria-Lhe conformar Suas palavras aos usos ainda em voga. O cristão não oferece dons materiais, pois que espiritualizou o sacrifício. Com isso, porém, o preceito ainda mais força ganha. Ele oferece sua alma a Deus e essa alma tem de ser purificada. Entrando no templo do Senhor, deve ele deixar fóra todo sentimento de ódio e de animosidade, todo mau pensamento*

*contra seu irmão. Só então os anjos levarão sua prece aos pés do Eterno.”*

O desamor grassa há milénios e o amor ainda está em falta! Os deapautérios de vária ordem assinalam a absoluta ausência do amor.

Para fazer face a essa situação dolorosa, com sua singular verve poética e extrema delicadeza, Joanna de Ângelis conclama com a sua aguçada sensibilidade<sup>3</sup>:

*“(…) Aplica-te na aquisição dos tesouros morais iluminativos e esparze-o por onde andes.*

*“Há fome de ternura, neste mundo rico de indiferença.*

*“Mendigos de amor, pobres de paz, necessitados de afecto aguardam o convite para a fraternidade.*

*“Promove um banquete de luz e convida esses teus irmãos em Humanidade, que aguardam compaixão e caridade, a fim de se libertarem da escassez e do sofrimento a que se encontram relegados.*

*“Ao realizá-lo, serás surpreendido pela presença de Jesus que virá ajudar-te na especial realização, oferecendo o pão do Reino dos Céus.”*

**ROGÉRIO COELHO**

(Mauriaé – MG – Brasil)

1 – KARDEC, Allan. *O Evangelho S/o Espiritismo*. 121 ed. Rio (de Janeiro): FEB, 2003, cap. XII, item 10.

2 – Idem, *ibidem*, cap. X, item 8.

3 – FRANCO, Divaldo. *Jesus e Vida*. Salvador: LEAL, 2007, p.p.118-119.

# DOIS SONETOS SEM TÍTULO

## I

Ó coisa incompreendida; ó coisa estranha e nova:  
Esta de alguém haver que inda depois da morte,  
Tenha o viril poder, tenha a vontade forte,  
De vir buscar-me aqui, a este além da cova!

Irreverente audácia, em que meu ser renova  
Fatal recordação da minha triste sorte  
Na vida, erma e curta, e que arrastei sem norte,  
Na terra descaroadá, em dolorida prova.

Meu corpo eu tinha visto, ossudo, dessorado,  
Nojoso, fedorento e podre e verminado,  
Transformar-se, na terra, em seiva fecundante...

E tinha dito a mim: - “Findou o meu tormento!”  
E escondi-me, no manto vil do esquecimento,  
Na miserável cova, ignóbil, repugnante.

## II

Mas aqui mesmo a sorte inda me foi daninha!  
E o meu sonhar de paz, em nada, em pó, desfez;  
Fazendo que o meu ser mais uma negra vez,  
Triste, voltasse cá, contra a vontade minha!

Envolvida na Dor – mortalha de Rainha! –  
A minha Alma jazia em doce embriaguez,

Gozando pelo espaço doido entremez,  
Por livre se sentir de vida tão mesquinha,

Quando tu me chamaste, homem inconcebível!  
Tu que me queres? Dize? É coisa inda possível,  
Que da terra me venha uma palavra amiga?

Ah! Se é, seja benvinda, a cara mensageira...  
Boa coisa daí? Será essa a primeira...  
Venha depressa então se quer que eu a bendiga!

***JOSÉ DURO***

(In: DO PAIS DA LUZ, 3º vol., ed. 'Luz no Caminho', Braga, 1987. Médium, Fernando de Lacerda.

\*

## **AS VELAS DA NOSSA VIDA**

Há três grandes religiões no mundo: islamismo, judaísmo e cristianismo. Para todas, o Velho Testamento representa um texto sagrado. A crença na descendência de Abraão é um fator em comum entre estas religiões monoteístas.

Em Dezembro, judeus e cristãos comemoram juntos dois milagres diferentes. Para os judeus, a data se chama Chanucá. A festa simboliza a luz de Deus para o mundo e ensina que jamais se deve abandonar a esperança. Durante o Chanucá, costumam-se

acender velas, uma por dia, durante oito dias, num candelabro que pode ser colocado à vista de todos, na janela da casa.

Entre os cristãos, também há o costume de acender velas durante o Natal. A origem deste hábito foi esquecida com os anos e as velas passaram a fazer parte, somente, da decoração natalina. Mas há algo importante escondido por trás das luzes coloridas. A Bíblia cristã e a Tora judaica ensinam que a luz foi a primeira criação de Deus. É a primeira coisa que o homem vê quando nasce. Tal como a luz que vem de Deus, todos podem ver a chama da vela, mas ninguém pode tocá-la. É por isso que a luz se transformou em símbolo para tanta gente.

As festas judaicas e cristãs parecem ensinar a mesma coisa: o papel do ser humano na criação divina é gerar luz. Isto vale para todas as pessoas. Não importa a raça, religião ou condição económica. Quando alguém age com bondade, também está iluminando o mundo.

Toda boa acção é como uma vela acesa. Quando milhões de velas são acesas, tudo ao seu redor fica mais iluminado. Quanto maior a boa vontade, maior a presença de Deus entre os homens.

Para o cristão, Jesus personifica a luz de Deus. Seu nascimento foi marcado pela luz de uma estrela. Isto explica porque há tantas luzes nas noites que marcam a passagem do ano.

Você talvez não tenha percebido, mas estas comemorações trazem uma lição: é preciso comemorar dentro e fora de casa. A ceia de Natal acontece em família. As confraternizações, entre amigos. Isto é outra forma de ensinar as lições da Bíblia. O homem precisa de mandamentos positivos e negativos. Precisa saber o que pode e o que não pode fazer. O carácter negativo de um

mandamento não tem a ver com qualidade, mas com privação. Quando o homem se priva de fazer algo previsto por Deus, exerce o livre arbítrio. Faz uma opção voluntária pelo que é bom.

Nesta época, é comum vermos doações de cestas básicas, ajudar pessoas necessitadas e todo o tipo de bondade. Mas isto é apenas uma parte da vontade de Deus. O que fazemos com aquilo que é proibido? Deixamos de ofender, julgar ou fazer comentários sobre a moral alheia? Será que, pelo menos no Natal, deixamos de guardar lugar no banco, quando a igreja está lotada?

O esforço por trás de um mandamento negativo é superior à maioria dos atos de bondade. Mostra comprometimento com as leis de Deus e resignação a saber que a única testemunha possível será a sua consciência. É sobre isto que deveríamos refletir no Ano Novo – o que podemos fazer de bom para os outros, sem que isto traga benefício directo para mim mesmo?

Um mandamento negativo não cria nada. Não traz reconhecimento e nem agradecimentos. Quando agimos assim, nossos atos não podem ser avaliados, mas criamos uma realidade pelo simples fato de restringir uma ação. Desta forma, Deus nos ensina que devemos abandonar a superficialidade para buscarmos algo maior.

Não há nada de errado em fazer doações e rezar com fervor diante de todos na Igreja. Isto mostra generosidade e determinação. Contudo, a pessoa verdadeiramente forte não é aquela que vence adversários, mas a que supera as tentações da cólera, da inveja, do egoísmo e do orgulho.

Na oração do Pai Nosso, Jesus ensinou a pedir para não cairmos em tentação. Isto quer dizer que, pelo menos, dois dos maiores males possíveis para a alma são responsabilidade

exclusivamente nossa. Devemos perdoar a quem tem nos ofendido e lutar para não cair na tentação de não fazer o bem somente em público.

Deus não paga por atos de bondade. Seu amor não está à venda. Mas quando você faz o bem, a luz da vela espiritual ilumina sua alma e a deixa muito mais visível para o Criador. A escuridão se afasta por sua causa. É quando Ele percebe que você aprendeu a lição mais importante – não temos o mesmo poder, mas somos Sua imagem e semelhança na capacidade de compartilhar.

Feliz Ano Novo!

***RONALDO MAIORANA***

(Advogado e jornalista: [ronaldo@oliberal.com.br](mailto:ronaldo@oliberal.com.br))

(In: Jornal O LIBERAL, de Belém do Pará, Brasil, de 26/12/010, de onde transcrevemos o artigo, com a devida vência, pelo interesse que o mesmo nos despertou a quando da sua leitura).

\*

## **SE EU FOR ANTES DE VOCÊ**

Se eu morrer antes de você, faça-me um favor:

Chore o quanto quiser, mas não brigue com Deus por Ele haver me levado;

Se não quiser chorar, não chore;

Se não conseguir chorar, não se preocupe;

Se tiver vontade de rir, ria;

Se alguns amigos contarem algum facto a meu respeito, ouça e acrescente sua versão;

Se me elogiarem demais, corrija o exagero;

Se me criticarem demais, defenda-me;

Se me quiserem fazer um santo, só porque morri, mostre que eu tinha um pouco de santo, mas estava longe de ser o santo que me pintam;

Se me quiserem fazer um demónio, mostre que eu talvez tivesse um pouco de demónio, mas que a vida inteira eu tentei ser bom amigo...

Espero estar com Ele o suficiente para continuar sendo útil a você, Lá onde estiver;

Se tiver vontade de escrever alguma coisa sobre mim, diga apenas uma frase: “Foi meu amigo, acreditou em mim e me quis mais perto de Deus!”;

Aí, então, derrame uma lágrima;

Eu não estarei presente para enxugá-la, mas não faz mal;

Outros amigos farão isso em meu lugar;

E vendo-me bem substituído, irei cuidar de minha nova tarefa, no céu;

Mas, de vez em quando, dê uma espiadinha na direcção de Deus;

Você não me verá, mas eu ficaria muito feliz vendo você olhar para Ele, e quando chegar a sua vez de ir para o Pai, aí, nenhum véu há-de separar a gente; vamos viver, em Deus, a amizade que aqui nos preparou para Ele;

Você acredita nessas coisas?

Então, ore para que nós vivamos como quem sabe que vai morrer um dia, e que morramos como quem soube viver direito;

Amizade só faz sentido se traz o céu para mais perto da gente e se inaugura aqui mesmo o seu começo;

Mas, se eu morrer antes de você, acho que não vou estranhar o céu...

Ser seu amigo já é um pedaço dele...

**CHICO XAVIER**

Texto recebido via internet e atribuído ao médium brasileiro ora desencarnado. Ignoramos a veracidade da autoria mas, porque o achamos edificante, resolvemos colocá-lo aqui, para conhecimento de todos os nossos leitores. Quantas vezes, perante o desencarne de um ser querido sentimos e pensamos como as palavras acima referem e acabamos por agir erradamente devido ao grande querer e à ausência que verificamos à nossa volta?

Aprendamos a ser mais coerentes... conosco e com as ausências de cada um que partiu!

**M. V.**

\*

## **O AMOR NO RELACIONAMENTO DE CADA UM**

Há uns anos atrás, escrevendo para uma jovem que intentávamos orientar, grafamos a frase “dá amor ainda que em troca de nada”, que reconhecemos logo não ser nossa dado que, de momento, estávamos muito longe de escrever sobre o amor,

embora a nossa correspondente se queixasse do isolamento que sentia à sua volta, como se ninguém a estimasse.

A frase ficou-nos e, não poucas vezes, nos anos que se seguiram, ela nos acudiu à mente – até mesmo quando pensávamos que o querer que procuramos sempre manifestar por uns e por outros não parecia ter correspondência por parte dos nossos interlocutores.

Hoje, as mesmas palavras vieram-nos de novo à mente, não como o conselho que não se faz necessário mas, talvez, a lembrar-nos que o facto de procurarmos amar indistintamente a todos os que de nós se aproximem não significa que encontremos, nos outros, correspondência igual.

Às vezes, mediante o comportamento de uns e outros, apetece-nos perguntar: amar é, assim, tão difícil para que algumas pessoas manifestem constantemente, no seu relacionamento com terceiros, uma agressividade que, a manifestar-se fisicamente, com certeza feriria a uns e a outros deixando marcas talvez constantes?

E, no entanto, aqueles que se habituaram a colocar o amor em todas as suas atitudes vivem uma paz tão doce que só desejariam que todos, mas todos, a pudessem igualmente sentir!

*“O Amor é de essência divina”, afirma-nos (esclarece-nos) Fênelon no número 9 do capítulo XI de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec, acrescentando ainda que “Desde o mais elevado até ao mais humilde, todos vós possuis, no fundo do coração, a centelha desse fogo sagrado.”*

Porque o sabia e assim o sentia foi que Jesus o exemplificou e recomendou a todo o povo rude que o seguiu, aparentemente

incapaz de O compreender mas sabendo, no seu íntimo, que o Divino Amigo aconselhava aquilo que sabia ser o melhor para cada um, de tal maneira que no monte calvário, prestes a desencarnar, Dimas se volta para Ele a pedir-Lhe que não se esquecesse dele. Questão de fé ou o reconhecimento do valor do Homem diferente de todos os outros que o ladrão conhecera até então?

*“Se tiveres fé como um grão de mostarda...”* e o que é a fé senão a manifestação do amor que já somos capazes de sentir e vivenciar? Porque a fé, a fé verdadeira, ela está sempre assente nesse sentimento maravilhoso que Deus deixou em nós ao criarmos, para que o fossemos desenvolvendo e vivenciando conforme fossemos evoluindo – ou seja, conforme formos crescendo para o Pai.

Pedro, na sua primeira epístola afirma que *“O amor cobre a multidão dos pecados”*, e quem melhor do que ele para o fazer, depois de ter negado a Jesus por três vezes e por Ele ter sido perdoado?

Se analisarmos a conduta daqueles que amam e, porque o fazem, são capazes de encontrar sempre uma justificação em todas as atitudes erradas dos que não o fazem, que vemos neles? Uma tolerância, um perdão que, podemos afirmar, ser constante! Mediante esta conduta poderemos afirmar que quem ama perdoa sempre, ou teremos que ir mais longe no nosso reconhecimento e dizermos, sem qualquer espécie de dúvida, que quem ama não questiona o perdão pois este está sempre presente em todas as suas atitudes!

Se cada um de nós está ligado ao Divino, por sermos todos criaturas de Deus, o amor que cada um for sendo capaz de sentir e

viver – amor sentimento e não amor relacionamento – é, ainda e também, uma manifestação do sentimento que o Pai deixou em nós quando nos criou.

Amar por amar, sem restrições e plenamente significará, então, sermos já capazes de viver mais puramente o sentimento que nos liga a Deus. Talvez, para que mais depressa o reconhecessemos, Jesus tivesse recomendado: “*Amem-se uns aos outros como Eu vos amei.*”

Quando aprenderemos a amar como Ele?...

**MANUELA VASCONCELOS**

\*

## **PÁGINAS DO PASSADO**

### **Provas das Faculdades da Alma**

*“Os fatos são mais úteis quando contradizem do que quando apoiam as teorias existentes.” –*  
Sir Humphry Day

É esta precisamente a situação do espiritismo ou neo-espiritualismo, porque através dos fatos que apresenta vem contradizer crenças e teorias existentes provando a realidade dessa energia vital a que me referi no meu precedente artigo sobre a imortalidade da alma.

Nesses fatos encontramos provas incontestáveis de que a nossa alma, bem como a alma dos animais, são elementos de grande essência cósmica. Mas não podendo penetrar na origem das forças ocultas tenhamos o critério suficiente para observarmos e apreciarmos devidamente as manifestações dessa essência.

Se ainda ignoramos as causas de certos fenómenos, outros já deixarem de pertencer a esta categoria para entrarem na classe de factos verdadeiramente analisados e comprovados. Assim, o estudo da alma humana, revela realidades positivas, tais como:

A vista, sem os órgãos da visão, pelo espírito;  
A vontade, agindo sem palavras e à distância;  
As comunicações psíquicas ou telepáticas;  
A previsão do futuro;  
As manifestações dos “mortos” no momento da morte e depois.

Temos, no primeiro caso, as manifestações fornecidas pelo estado vulgarmente conhecido por sonambulismo ou hipnose natural, revelando-nos que um sensitivo pode fornecer uma certa soma de trabalho, sem que disso ele tenha a menor consciência, nem sinta nenhuma fadiga, quer se trate de trabalho manual quer intelectual.

Os casos de sonambulismo são bastante frequentes. Contou-me minha mãe que uma sua serva se erguia do leito altas horas da noite e, sob o domínio do sono sonambúlico, ia buscar água a um poço, transportando à cabeça uma pesada bilha que despejava tantas vezes quantas as necessárias para encher um grande pote. Terminada a tarefa voltava a deitar-se, não se recordando ao acordar nem sentindo nenhum cansaço.

Este, como muitos outros casos do mesmo género provam-nos que o próprio sono nos revela faculdades ocultas da alma. Outro caso muito curioso é narrado por C. (Camille) Flamarion no seu livro – “Avant la Mort” ocorrido num seminário, com um jovem prelado.

“Tinha ele o hábito de se erguer de noite do seu leito; procurava papel e escrevia. Depois lia de alto a baixo todas as folhas, que corrigia com a maior exatidão, quando assim o entendia. Eram os seus sermões; assim os preparava e, o que é mais curioso, é que todo este trabalho era feito *sem o auxílio da vista normal.*”

Esta observação foi feita pelo arcebispo de Bordéus, que declarou: - “Vi um desses sermões destinados ao dia de Natal; estava muito bem feito e anotado com a maior perfeição.”

O arcebispo, quarendo certificar-se que nesses momentos o sonâmbulo não usava a sua vista normal, colocou-lhe um cartão diante dos olhos quando ele escrevia, mas o moço sacerdote continuou serenamente a escrever o seu sermão.

Como estes dois casos, quantos não têm sido observados e que poderiam também ser citados na nossa imprensa como autênticas provas do trabalho anímico do ser humano?

### **A vontade, agindo à distância sem palavras**

A vontade é uma faculdade imaterial, mas podendo agir no cérebro que é matéria, e no espírito de outra pessoa. Como outras faculdades, a vontade também ainda não tem definição exacta. O que é ela, afinal? – perguntava Lombroso. Personalidade psíquica, individualidade, alma, espírito? Não o sabemos; portanto, mais

uma vez nos contentaremos em observar os fenómenos que ela nos oferece.

Sobre a acção da vontade, o Dr. Ochorowich narra o seguinte caso:

“Uma noite, achava-me junto de uma doente que dormia tranquila após uma grave crise de delírio. Desperta subitamente e pede-me, assim como a uma sua amiga que também junto dela se encontrava, que nos retirássemos, pois achava desnecessário fatigarmo-nos inutilmente, por já se encontrar bem. Insistiu tanto que temendo outra crise resolvi sair, mas com um mau pressentimento, visto que já por três vezes essa doente se tinha ferido no propósito de se matar.

“Desci a escada do terceiro andar e parei a meio; quando cheguei à rua ouvi subitamente que uma janela se abria com estrondo e vi a doente a debruçar-se para fora num movimento rápido. Corri para o ponto em que esperava que ela caísse e, instintivamente, sem mesmo pensar no que fazia, concentrei fortemente a minha vontade em a impedir de cair. Era insensato o que eu fazia, mas o certo é que a doente que já estava inclinada para fóra da janela parou, recuando lentamente. Cinco vezes consecutivas repetiu a tentativa. Por fim, cansada, ficou imóvel, encostada ao caixilho da janela. Ela não podia ver-me porque era noite e eu estava no escuro. Nesse momento vi a amiga ampará-la e, então, corri pela escada acima, indo encontrá-la com uma crise de loucura. Tive de empregar a força para a dominar e, depois, adormecê-la. No sono sonambúlico as suas primeiras palavras foram: - ‘Obrigada; perdão.’ Perguntei-lhe se desconfiava da minha presença. Não! Respondeu-me. ‘Foi precisamente porque julgava que o sr. Doutor já tinha partido que eu quis executar o

meu plano. Contudo, por momento, parecia-me que o Doutor estava a meu lado, ou atrás de mim, e *não queria que eu caísse.*”

Os sábios da antiguidade conheciam estas manifestações que estudavam nos ‘Mistérios Sagrados’, ‘Ciências Divinas’ ou do espírito como então se dizia e que depois passaram a ser designadas por ‘Ciências Ocultas’ ou ‘Ocultismo’ devido à necessidade de as manter guardadas por ser imensa a ignorância dos povos dessas épocas. Os cientistas nossos contemporâneos estudam-nas sob o aspecto positivo, nos seus gabinetes e laboratórios, nada apresentando de misterioso. Os grandes clássicos do Espiritismo, sábios e estudiosos tiveram de se utilizar de elementos quase fornecidos pela própria natureza numa luta titânica contra os preconceitos e regras do meio, e da carência de instrumentos para certos trabalhos deste género. Mas os sábios do futuro encontram mais aparelhagem teórica e técnica para desbravarem o áspero caminho que ante eles se estende.

### **A grande obra de Allan Kardec**

A codificação do Espiritismo permitiu desfazer um grande erro: a negação da ciência espiritual antiga ou ciência – Una, e restabelece-la em moldes modernos, conforme o espírito da nossa época.

Deste modo se procurou restabelecer a ligação do homem a Deus, quebrada desde há séculos pelo mau uso que da essência de certas religiões fizeram os sacerdotes, e pela escola materialista através dos seus, alguns mesmos célebres apóstolos, como Darwin, Buchner, etc..

Todo o estudioso sabe que “a natureza não dá saltos” provando-nos, assim, que no universo tudo está ligado, fazendo o

homem parte dessa Grande Cadeia Universal, e por isso mesmo ele está intimamente ligado a Deus. Como está feita esta ligação? É o que os sacerdotes não explicam, e a ciência oficial não quer reconhecer para lhes respeitar os mistérios e dogmas.

Deste modo produziu-se um facto de desastrosas consequências – a separação do homem de Deus. Mas a Ciência Espiritual nos seus vários aspectos, especialmente o neo-espiritualismo, refaz essa união lançando luz a jorros, ensinando ao homem a conhecer-se a si próprio e a sua intima ligação com o Absoluto ou Deus. Para isso basta-lhe *meditar*, isto é, observar, concentrando-se sobre tudo que o rodeia, porque tudo na vida tem uma razão e uma explicação – porque não há efeito sem causa – o bem e o mal, o belo e o horrendo.

Não podendo penetrar na essência das coisas, repito, contentemo-nos em verificar factos que nos demonstrem que *a nossa alma é um grande valor energético*.

***YVONE DE SOUSA***

(In: REVISTA DE METAPSIKOLOGIA, da Federação Espírita Portuguesa, Julho de 1949).



# JESUS E A TEMPESTADE

Naquele tempo, numa barca, um dia,  
Jesus, cansado, tinha adormecido;  
Levanta-se o mar, enfurecido  
Pelo rijo soprar da ventania.

Remavam os discípulos, sem guia,  
No pequeno batel quase perdido,  
E, cheios dum terror indefinido,  
Acordaram o Mestre, que dormia.

Ergueu-se e disse às vagas sem tardança:  
- “Aquietai-vos!” – e logo houve bonança.  
- “Que temeis? – aos discípulos volveu.  
- Homens de pouca fé!...” – E eles quedaram...  
- “Quem será este Homem – murmuraram –  
A quem a tempestade obedeceu?”

*MARIA DE CARVALHO*

(In: “O Livro de Leitura da Terceira Classe”, ed. Do Ministério da Educação Nacional, guardado como recordação).



# O PLANETA ESTÁ DENTRO DE NÓS

Somos feitos rigorosamente dos mesmos elementos que constituem o planeta. A palavra homem, de onde vem *Humanidade*, tem origem no latim *húmus*. A palavra Adão, que aparece simbolicamente no Velho Testamento como a primeira criatura humana, significa *terra fértil* em hebraico. Essa mesma terra – que empresta o nome ao planeta e à nossa espécie – se revela no mais rudimentar dos exames de sangue, quando descobrimos que por nossas veias transportamos minérios que jazem nas profundezas do solo. Ferro, zinco, cálcio, selênio, fósforo, manganês, potássio, magnésio e outros elementos são absolutamente fundamentais à nossa saúde e bem estar. Se descuidamos da ingestão desses nutrientes – presentes em boa parte dos alimentos – nosso metabolismo fica exposto a diferentes gêneros de desequilíbrio e doenças.

O mesmo ocorre em relação à água. As primeiras estruturas microscópicas de vida do planeta apareceram nas águas salgadas e quentes dos mares primitivos. Também quente é o líquido que nos envolve durante todo o período de gestação no útero materno. O soro fisiológico – bem como o soro caseiro – salva vidas quando recompõe a tempo nossa necessidade deste precioso líquido. Por um capricho divino, a proporção de água no planeta (70%) é a mesma com que esse elemento compõe o nosso corpo físico. Precisamos ingerir pelo menos 2,5 litros de água por dia para assegurar o bom funcionamento do metabolismo, irrigando células, glândulas, órgãos, tecidos. Também precisamos de uma quantidade mínima de água no ar que respiramos. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), se a humidade relativa do

ar oscilar entre 20% e 30%, deve-se considerar estado de atenção; entre 12% e 20%, é estado de alerta; abaixo de 12% é estado de emergência. É absolutamente desagradável – e ameaça a saúde – respirar num ambiente com pouco valor d'água misturado ao ar.

O elemento fogo se revela simbolicamente em diferentes fenômenos fundamentais à manutenção da vida. Vem do sol a energia que sustenta todas as estruturas vitais do planeta, cujo núcleo é composto de uma grande massa de magma incandescente. O que se convencionou chamar de EFEITO ESTUFA, é a capacidade de a atmosfera reter parte do calor irradiado pelo Sol. Trata-se de um fenômeno natural, que assegura a manutenção da temperatura média do globo na faixa de 15°C. Não fosse possível reter esse calor através dos gases que compõem a atmosfera, a temperatura média do planeta seria de 23°C negativos, reduzindo-se drasticamente a presença da vida na Terra. O aquecimento global é o agravamento do efeito estufa, causado principalmente pela queima progressiva de petróleo, carvão e gás, que gera inúmeros problemas à Humanidade por meio de mudanças climáticas. Por fim, somos animais de sangue quente graças ao trabalho ininterrupto de um poderoso músculo do tamanho de uma mão fechada, que irriga vida para todas as partes do corpo humano. O coração é a grande usina de calor do organismo, símbolo maior do amor e da nossa capacidade de doar, de nos entregar e de manifestar os mais nobres sentimentos.

O ar é o elemento mais urgente para a nossa existência. Podemos passar vários dias sem ingerir alimentação sólida, um número menor de dias sem líquidos, mas apenas alguns poucos instantes sem ar. Na milenar tradição mística da Índia, o *prana* – ou força vital – é absorvido pela respiração. Numerosas práticas de meditação preconizam a necessidade de respirarmos com consciência, entendendo a inspiração e a expiração como

importante ferramenta de troca de energia com o meio que nos cerca. A respiração profunda regula o batimento cardíaco, harmoniza os centros de força (ou chacras) que acumulam e distribuem a energia vital, ajuda a clarear o raciocínio e a apaziguar as emoções.

Considerando a importância estratégica de todos esses elementos para nossas vidas, é forçoso reconhecer que sem água potável, terra fértil, ar respirável e incidência adequada de luz e calor nosso projecto evolutivo encontra-se ameaçado. As condições cada vez menos acolhedoras da nossa casa (*oikos*) tornam o ambiente hostil à vida humana por nossa própria imperícia, imprudência ou negligência. Sofremos as consequências dos estragos que determinamos ao meio que nos cerca porque, na verdade, o que está fora também está dentro. Não é mais possível separar a Humanidade do planeta. “O meio ambiente começa no meio da gente.”<sup>22</sup>

No capítulo X de *A Gênese*, Allan Kardec ratifica este princípio comum ao dizer que “são os mesmos elementos constitutivos dos seres orgânicos e inorgânicos, que os sabemos a formar incessantemente, em dadas circunstâncias, as pedras, as plantas e os frutos.”<sup>23</sup> O que vale para o corpo físico também vale para a substância que envolve o Espírito, como aparece explicado no primeiro capítulo de *O Livro dos Espíritos*. É o que na Doutrina se convencionou de chamar de *perispírito*.

- De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial?
- Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.
- Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro?

- É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos.<sup>24</sup>

Esse fluido cósmico universal – matéria prima de tudo o que existe – assume diferentes formas e texturas na exuberante rede de sistemas que se desdobram pelo Universo. Somos todos, essencialmente, feitos da mesma coisa. A compreensão dessa realidade poderá determinar o aparecimento de uma nova ética existencial, na qual nos reconhecamos como parte do Todo, e não a razão pela qual o Universo existe.

22 – Esta frase, que se tornou uma das máximas populares do movimento ambientalista e virou slogan na *Folha do Meio Ambiente*, é do poeta e jornalista brasileiro Tetê Catalão.

23 – KARDEC, Allan. *A Gênese*. Tradução de Guilon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, cap. X, item 15.

24 – KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guilon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, questão 94.

**ANDRÉ TRIGUEIRO**

(In: ESPIRITISMO E ECOLOGIA, ed. F.E.B. 2009, cap. 33, de onde o transcrevemos com a devida vénia).

\*

# NOTÍCIAS DO MOVIMENTO ESPÍRITA PORTUGUÊS

No dia 8 do mês de Janeiro, em Assembleia Geral convocada para o efeito, procedeu-se à votação para a eleição dos novos Corpos Sociais da Federação Espírita Portuguesa. No surgimento de novos elementos a representá-los, esperemos que o “sangue novo” ora injectado, desperte a nossa Federação para o muito trabalho a realizar – para o muito que sempre lhe é devido e pedido!

Conjugada com esta eleição, procedeu-se, no dia 16, à eleição do Coordenador e novos elementos que compõem o quadro da UNIÃO ESPÍRITA DA REGIÃO DE LISBOA, tendo-se repetido a eleição de Rui Manuel Barros Martas, para o lugar de Coordenador, e sendo ainda eleitos os irmãos Paulo, da Fraternidade Espírita Cristã, desta cidade, para o lugar de secretário geral, dado que Paulo Henriques, que anteriormente o desempenhava se demitiu, por ir ocupar o lugar de Vice-Presidente da F.E.P., e Augusto Carona, do Centro Espírita Perdão e Caridade, para o lugar de Tesoureiro, por se ter demitido o Irmão Ramiro, que o desempenhava, devido a problemas particulares.

Aos novos elementos, de uma e outra Organização, ensinamos muitas realizações positivas.

\*

Está programado para 20 de Março, a realizar-se na Faculdade de Medicina Dentária, desta cidade, mais um Seminário organizado pela UERL, desta vez dedicado ao médium português FERNANDO DE LACERDA.

✱

# SE TODOS PERDOASSEM

Imaginemos, por um minuto, que mundo maravilhoso seria a Terra, se todos perdoassem!...

Se todos perdoassem, a ventura celeste começaria em casa, onde todo companheiro de equipe doméstica perceberia que a experiência na reencarnação é diferente para cada um e, por isso mesmo, teria suficiente disposição para agir em apoio dos associados da edificação em família, a fim de que venham a encontrar o tipo de felicidade pessoal e correcta a que se dirigem.

Se todos perdoassem, cada grupo na comunidade terrestre alcançaria o máximo de eficiência na produção do bem comum, porquanto, em toda a parte, existiria entendimento bastante para que a inveja e o despeito, o azedume e a crítica destrutiva fossem banidos para sempre do convívio social.

Se todos perdoassem, o espírito de competição, no progresso das ciências e na efectivação dos negócios, subiria constantemente de nível moral, suscitando as mais belas empresas de aprimoramento do mundo, porque o golpe e a vingança desapareceriam do intercâmbio entre pessoas e instituições, com o respeito mútuo revestindo de lealdade os menores impulsos à concorrência, que se fixaria exclusivamente no bem com esquecimento do mal.

Se todos perdoassem, a guerra seria automaticamente abolida no Planeta, de vez que o ódio seria erradicado das nações, com a solidariedade traçando aos mais fortes a obrigação do socorro aos mais fracos, não mais se verificando a corrida de armamentos e sim a emulação incessante à fraternidade entre os povos.

Se todos perdoassem, a saúde humana atingiria prodígios de equilíbrio e longevidade, porquanto a compreensão recíproca extinguiria o ressentimento e o ciúme, que deixariam, por fim, de assegurar, entre as criaturas, terreno propício à obsessão e à loucura, à enfermidade e à morte.

Se todos perdoarmos, reformaremos a vida na Terra, apagando de todos os idiomas a palavra “ressentimento”, para convivermos, uns com os outros, acreditando realmente que somos irmãos diante de Deus.

Quando todos aprendermos a perdoar, o amor entoará hosanas, de polo a polo na Terra, e então o Reino de Deus fulgirá em nós e junto de nós para sempre.

### *EMMANUEL*

(In MEDITAÇÕES DIÁRIAS, psicografia de Francisco C. Xavier, editora IDE – Junho 2009).

